

## LINGUAGEM COMO PROCESSO FENOMENOLÓGICO: COGNIÇÃO, CIBERESPAÇO E SIGNIFICADO

SILVA, Emanuela Francisca  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS)  
emffsilva@gmail.com  
SILVA, Flávio da  
Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET-MG)  
bsiflavio@bol.com.br

**Resumo:** Este trabalho é um convite a pensar o processo de significação pela não separação mente/corpo. A percepção multimodal atravessa o corpo pelos órgãos do sentido – olhos, ouvidos, pele, nariz, boca – sendo a porta de entrada da significação, enquanto que o pensamento atinge toda a esfera biológica. Com isso vê-se que é a função que produz o órgão. Neste início do século XXI, o trabalho do linguista diante das novas tecnologias em sala de aula é estar atento à essa nova geração que "navega" no ciberespaço. Conhecer esse aluno e tentar compreender como ele produz significado na vivência era tecnológica é uma das tentativas desse trabalho. Esta pesquisa pretende colaborar com esse aspecto, propondo um modelo de processamento discursivo, centrado na operação de compressão, aqui entendida, como a ação do sujeito locutor/alocutário no processo de enunciação. Para tanto se utilizará de teorias como as propostas de Gallagher e Zahavi (2008) sobre Fenomenologia e a mente incorporada e de Johnson (2008) que, também defende a mente incorporada; também servirá de suporte teórico as teorias que consideram a linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo (Larsen-Freeman, Cameron, 2008), os estudos Marcuschi (2004) sobre texto e gêneros e sobre gêneros digitais.

**Palavras-chave:** Linguagem; comunicação e tecnologia; mente; ciberespaço.

### 1 A leitura e o processo fenomenológico

O caminho que corpo/cérebro faz da percepção, passando para o conhecimento, a consciência até chegar à linguagem em que o processo de significação atinge seu auge pode servir de analogia para o ato de ler. A linguagem engloba a consciência que engloba o conhecimento que engloba a percepção que engloba corpo/cérebro no processo de significação.

Desde Platão, sobretudo em sua obra *Crátilo* (presumivelmente escrito em 388 a.C.), há uma tentativa de teorização sobre a produção do significado e por conseguinte, um estudo sobre a linguagem. Nessa obra há a presença de um diálogo em que se tem como tema duas teses. A primeira afirma que a relação entre o nome e a coisa nomeada se manifesta por algo intrínseco ao ser, faz parte dele. Por outro lado Hermogênes defende que a conversão dos nomes se faz por convenção “*συνθήκη καὶ ὁμολογία*”(384d). (SOUZA, 2010).

Em grego não há nenhum termo correspondente ao termo “palavra” em português. Segundo Souza (2010, p. 11) “o termo ὄνομα” agrupa desde nomes próprios, substantivos e até mesmo verbos.” Portanto, o que o filósofo chama de nomes refere-se ao termo palavra para nós. Em sentido amplo, o objetivo do diálogo é, pois saber a verdade sobre os nomes, independente da categoria gramatical.

Sócrates parece ter como objetivo principal o ato de filosofar sobre a linguagem, nos deixando como legado inquietações: o objeto e seu significado possuem relação natural ou convencional? As palavras se associam naturalmente ou convencionalmente às coisas que se referem?

Tendo o texto de Crátilo como o primeiro – que se conhece – a discutir a questão do significado verificamos que, essa discussão se ramificou por diversos campos do saber como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a semântica – apesar de seus estudos serem bastante oblíquos e tortuosos, bem como por diferentes teorias do significado como a mentalista, a behaviorista, reducionista (neural), construtivista (social), funcionalista, formalista, computacionalista, deflacionista,... (ZLATEV, 2003, p.253).

A Linguística, que somente no século XX, investiu na pesquisa do estudo do texto, ultrapassando o campo das unidades menores (morfologia morfológica, fonologia, etc.) permeou por um caminho que faz interesse para essa pesquisa: a Linguística Cognitiva<sup>1</sup>.

Todo o conhecimento advém da unicidade mente/corpo. Antes de caminharmos mais nessa proposição é preciso que se exponha o conceito que adotamos de linguagem, isto é, linguagem como um sistema de adaptações complexas (SAC). Na próxima seção discutiremos esse conceito e suas influências para nossa afirmação que o significado é bio-cultural.

Pensar o significado como biocultural, é conceituá-lo tendo como parâmetro a fórmula  $S=V(O,A)$ , isto é “Significado (S) é a relação entre um organismo (O) e seu ambiente físico e cultural (A) determinado pelo valor (V) de O para A.” (ZLATEV, 2003, p. 3). Há para Zlatev dois princípios básicos: Todo sistema vivo e apenas os sistemas vivos são capazes de significar e que existe uma hierarquia de sistema de significados.

A vida implica um valor intrínseco que é a condição necessária e suficiente para o significado. É nesse sentido que afirmamos que todo o significado é bio-cultural. Posto que todo o organismo significa a partir do nicho que vive, em que valora aspectos físicos e culturais desse ambiente. Essa valoração é altamente adaptativa e ocorrem por meio de *affordances*.

Para haver significação é preciso que os elementos indivíduos vivos, interação, atividade cognitiva, sistema de signos e cultura estejam imbricados em um evento adaptativo e complexo. O significado é bio-cultural porque é constituído de operações cognitivas impregnadas de valores físicos e culturais, se manifestando em discursos multimodais como uma imagem, um gesto, uma palavra, uma música.

## 2 TIC e os Gêneros Textuais

Neste início do século XXI em que o uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC) é uma constante entre os estudantes do Ensino Técnico Integrado é possível formar bons leitores? Antes de responder a esse questionamento faz-se necessário fazer uma breve introdução conceituando texto, gênero e suporte, na tentativa de compreender o processo pelo qual é possível o ato de ler.

A leitura deve ser vista como uma ação ativa em que há uma estreita relação entre leitor – texto – autor. Para tanto, afirma-se que ler não é somente identificar sentidos ou reconhecer conteúdos. Ler é um trabalho contínuo de produção e apropriação de sentido, num processo de compreensão não finito posto que, a cada leitura o leitor se encontra na interação com seu locutor-autor. Este se apropria do aparelho formal da língua e, por meio de índices específicos enuncia sua posição de locutor, de um eu que se refere a um tu - o alocutário da enunciação.

---

<sup>1</sup> Linguística Cognitiva pode ser definida como uma miríade de abordagens teóricas e metodológicas que, apesar de diferirem uma das outras em vários aspectos, são unidas pela ideia central que a língua não se caracteriza como uma faculdade modular e geneticamente determinada mas sim, como parte integrante do sistema cognitivo geral dos seres humanos.(CAVALCANTE & SOUZA, 2010, p. 63, *In*: HERMONT, ESPIRITO SANTO & CAVALCANTI, 2010).

Para tomar a língua como instrumento de interação é preciso percebê-la como um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo (cognição é vista como uma atividade que se dá primeiro na interação e é internalizada, trazendo para o interior o movimento do exterior) Ela, a língua, é uma forma de ação e se manifesta nos processos discursivos no nível da enunciação. Como afirma Marcuschi (2008, p.61) “a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância”. Adota-se aqui a visão de Tomasello (2003) que é o social que funda a cognição. Isto corrobora para compreender a língua como um conjunto de atividades sociais e históricas e não apenas como um sistema.

Considera-se o texto tanto em seu aspecto organizacional interno quanto o seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo. O texto não é uma organização caótica, porém, ele não pode ser visto apenas como uma sequência de palavras ou uma unidade formal da língua como fonema, morfema, sintagma ou frase. O texto é uma unidade de sentido construído na perspectiva da enunciação, um jogo posto que é uma atividade sociointerativa entre locutores. Segundo Beaugrande (1997) o texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o mais importante.

Os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular, que possuem maneiras especiais de serem entendidos, não podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada. (MARCUSCHI, 2008). Os gêneros são formas de ação social, sendo orientadores para a compreensão. Toda a manifestação verbal ocorre sempre por meio de textos realizados em algum gênero.

Observe o exemplo: “Flávio, me telefone o mais rápido possível!” Esse texto se modificará quanto ao gênero de acordo com o suporte. Se ele for escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Flávio) será um bilhete; se for remetido pelos correios é um telegrama e se for passado pela secretária eletrônica é um recado. Conclui-se que o conteúdo não muda, mas o gênero é identificado na relação com o suporte. Segundo Marcuschi (2008, p.174) “suporte de um gênero é um *locus físico* ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” Através do suporte o texto torna-se acessível, possibilitando que ocorra a interação leitor/autor.

Afirma-se que a língua é um instrumento de interação que acontecem em forma de textos. Estes se realizam em um gênero particular que é reconhecido pelo seu suporte. Esta inter-relação texto-gênero-suporte possibilita ao leitor captar, sentir o querer-dizer do locutor-autor que determina o enunciado, suas fronteiras, sua amplitude.

Porém, no ato de ler é preciso compreender e isso exige habilidade, interação e trabalho árduo. “Compreender é muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.” (MARCUSCHI, 2008, p. 230). Compreender é uma atividade colaborativa, em que há decodificação do código e inferência no texto por parte do leitor. Pode-se dizer que os sentidos são parcialmente produzidos pelo texto e parcialmente completados pelo leitor. Esse leitor deve fazer parte do horizonte de expectativa do autor como um tu a quem o eu se dirige. Por seu turno, o leitor possui uma atitude responsiva diante do texto, posto que ele é co-locutor e se co-refere pois é parte integrante da enunciação.

Após essa breve introdução sobre texto, gênero e suporte em que foi possível perceber como ocorre o processo enunciativo em que o ato de ler se instaura, é interessante focar-se no tipo de leitor que se quer refletir: o aluno do Ensino Médio Tecnológico e sua formação.

### **3 O aluno do Ensino Técnico: letramentos e perspectivas**

Pesquisadores, professores e teóricos questionam qual seria o lugar do Ensino Médio e a sua especificidade dentro da Educação Brasileira. Ele seria profissionalizante? Seria propedêutico?

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 4.024/6, artigo 33) "a educação de grau médio, em prosseguimento à ministrada na escola primária, destina-se à formação do adolescente". Mas, o que seria essa formação? Várias propostas foram lançadas pressupondo a reunificação entre educação e produção, trabalho e cultura.

Fazendo um recorte, com o intuito de focar essa reflexão nos alunos advindos do Ensino Médio Técnico em Minas Gerais, especificamente os alunos do CEFETMG, afirma-se que foi com a lei n. 6.545 de 30 de junho de 1978 que Escolas Técnicas Federais do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que já ofertavam cursos 18 superiores das então denominadas Engenharias de Operação, foram transformadas, em Centros Federais de Educação Tecnológica, mais conhecidos como CEFETs, que além de ampliação de sua autonomia administrativa e pedagógica, passaram a ser considerados centros de referência para a educação técnica e tecnológica, tendo como discurso a valorização da produção científica e tecnológica como veículo da modernização do país<sup>2</sup>.

Tem-se assim um trinômio na educação do Ensino Médio Técnico: formação profissionalizante, propedêutica e humana. Soares (1988, p.47) afirma que "Letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita." Os estudantes que ingressam no CEFET-MG são considerados alfabetizados, posto que sabem ler e escrever. Decodificam palavras e frases e sabem interpretar textos, o que os faz letrados. Em conformidade com a definição de letramento de Soares (1998), acredita-se que letramento é processo contínuo e evolutivo. O estudante que, está em uma escola técnica de nível técnico, precisa ter acesso a diferentes formas de letramento que o levem a crescer holisticamente, possibilitando que o mesmo interaja com diferentes gêneros e práticas sociais. A formação do estudante de nível médio deve abranger práticas que ampliem seu horizonte de expectativas, envolvendo-o em diferentes ações sociais e culturais de leitura e de escrita. Seria possível utilizar do Ciberespaço como ferramenta propícia a ampliar as práticas de Letramento desse aluno? TIC e formação de bons leitores possuem uma confluência comum ou seriam opostos?

### **4 O Ciberespaço e o estudante do Ensino Técnico**

A proliferação de gêneros digitais é eminente. As Tecnologias de informação e Comunicação (TIC) ocasionam mudanças visíveis na sociedade e estão à disposição. Pode-se afirmar que o jovem do Ensino Médio Técnico, utiliza das TIC diariamente. É importante que a Escola de Ensino Técnico esteja atenta a isso, pois é cada vez mais solicitado aos profissionais compreenderem e saberem utilizar essas ferramentas.

Segundo Soares (2002, p. 46) "a educação deve se comprometer com a ampliação de competências para o uso da ciência e tecnologia, o que levará o sujeito à resolução de problemas e compreensão de novos contextos." Promover o letramento digital é papel da escola, isto é, capacitar os alunos para o uso das TIC em suas práticas sociais.

---

<sup>2</sup>Observa-se que neste início do século XXI o CEFETMG iniciou um movimento para se transformar em Universidade Tecnológica denominado "Rumo à Universidade Tecnológica".

Segundo Torres (2010, p.4):

As redes de computadores surgiram da necessidade de troca de informações, já que é possível ter acesso a um dado que está fisicamente localizado distante de você, como por exemplo, do caixa eletrônico, ou que você pode ter acesso aos dados de sua conta corrente que estão armazenados em um computador a centenas ou milhares de quilômetros de distância.

As redes de computadores perpassam quase todas as situações enunciativas humanas. Até uma simples compra em um supermercado utiliza-se da rede, mesmo que de forma inconsciente. Ao passar as compras pelo caixa, é registrado tudo o que foi comprado; com isso é possível “dar baixa no estoque”; assim o sistema acusa que certa mercadoria acabou na prateleira, e o estoquista repõe as mercadorias.

O objetivo das redes de computadores é permitir a troca de dados entre computadores e a partilha de recursos de hardware e software. Ao falar no celular utiliza-se a rede Wi-Fi, que tem por finalidade conectar os celulares espalhados pelo mundo.

A Internet é um amplo sistema de comunicação que conecta muitas redes de computadores. Entende-se o ciberespaço como meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, não apenas como meio físico da comunicação digital, mas também como um conjunto infinito de informações que abriga e as pessoas que utilizam e alimentam deste universo.(LEVY, 1996).

As ferramentas de *instant messaging*, como o Skype e o MSN são mecanismos de virtualização da comunicação, como também as conferências eletrônicas, que permitem que grupos de pessoas discutam sobre assuntos específicos e possibilitam uma comunicação direta entre todas as pessoas que estejam conectadas. Os indivíduos que se comunicam compartilham uma espécie de comunicação efêmera onde são inventados novos estilos de escrita e interação. (LEVY, 1996).

O ciberespaço é o suporte para o gênero digital. Como foi dito anteriormente há uma inter-relação entre texto-gênero-suporte que possibilita ao leitor compreender o querer-dizer do locutor-autor, suas fronteiras, sua amplitude. O ato de ler exige interação e trabalho árduo pois, os sentidos são parcialmente produzidos pelo texto, é o leitor com sua atitude responsiva que infere significado conjuntamente com o autor.

Segundo Xavier (2004, p.171) “o hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície forma outras de textualidade.” O hipertexto articula em sua composição sons, imagens, palavras, que como afirmado acima, estão sujeitos à subjetividade do leitor. O hipertexto parece ultrapassar os limites do texto impresso, linear e submetido a uma única sequência lógica.

Segundo Lévy (1996, p. 48): “O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico. [...] o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura.” A escola de Ensino Médio Técnico que tem em sua formação o tripé: educação profissionalizante, propedêutica e humana, deve ver no hipertexto a oportunidade de otimizar sua proposta. Se para ler/compreender a palavra é necessário saber ler o mundo, o hipertexto consolida esse processo, pois viabiliza multidimensionalmente a compreensão do leitor pela exploração superlativa de informações muitas vezes, inacessíveis sem os recursos da hipermídia. (XAVIER, 2004).

O hipertexto, em seu gênero digital, deslineariza, torna ausente um foco dominante de leitura, ampliando o horizonte de expectativa do leitor. Segundo Levy (2010, p.172):

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução de custos como no acesso a todos à educação, não é tanto a passagem do presencial à distância, nem do escrito e oral tradicionais à multimídia. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, autossustentável, móvel e contextual das competências. Nesse quadro, o papel dos saberes públicos deveria ser: garantir a todos uma formação elementar de qualidade.

Com o hipertexto, o “hiperleitor” é quem define qual versão será lida e compreendida, pois no suporte ciberespaço, o navegador pode tomar destinos inesperados e não ler o texto linearmente. O hipertexto permite que todos os envolvidos no processo enunciativo do ciberespaço, renomados ou não, possam ser co-locutores diretos, isto é, possam construir e debater múltiplos discursos.

Neste ponto vê-se o papel do professor de português, cabe a ele fornecer subsídios e práticas que ampliem o letramento digital de seu aluno. Isso envolve ações sociais e culturais de leitura no suporte ciberespaço. Criação de blogs e sites coletivos com os alunos, posto que há o curso técnico de Sistema de Informação em alguns campus do CEFETMG, possibilitaria um trabalho interdisciplinar entre os conteúdos de Português e Informática, por exemplo. Sabe-se que os gêneros emergentes no suporte ciberespaço são projeções ou transmutações de outros gêneros com suas contrapartes prévias – o e-mail, seria um gênero emergente que teria como contraparte a carta ou o bilhete. Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é a alta interatividade, em muitos casos síncronos, embora sejam escritos. (MARCUSCHI, 2004). O aluno do Ensino Médio parece ter predileção por essa possibilidade da “acelerar o tempo”, “diminuir a distância”. O professor pode utilizar dessa motivação e criar salas de bate-papos com temas inerentes a seu conteúdo, possibilitando uma maior interação de seus alunos.

## **5 Algumas considerações:**

A partir que iniciou esse artigo e permeou nossas reflexões foi: neste início do século XXI, em que o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é uma constante entre os estudantes do Ensino Técnico Integrado é possível formar bons leitores? Verificou-se ao longo do texto que bons leitores pode ser sinônimo de hiperleitores. Assim, as TICs não seriam obstáculos para as aulas de português mas, ferramentas propícias a um trabalho abrangente que abarcaria os diversos letramentos, entre eles, o letramento digital.

A significação acontece na interação indivíduos vivos em suas atividades cognitivas que são impregnadas de valores físicos e culturais. O ciberespaço é o nicho em que seu aluno do Ensino técnico e tecnológico navega e imprime valores físicos e culturais. É nesse espaço que o professor deve adentrar utilizando do virtual como ferramenta propícia ao trabalho de leitura e escrita.

A Cibercultura corresponde ao processo em que a sociedade atual está vivendo, a globalização econômica, o crescimento das redes de comunicação e transportes, com tendência a se transformar em uma única comunidade mundial. O professor de português do Ensino Médio Técnico deve ter consciência disso e responder de forma afirmativa que o Ciberespaço é uma ferramenta propícia a ampliar as práticas de letramento do estudante do Ensino Médio e TIC e formação de bons leitores possuem uma confluência comum, sendo partes integrantes da contemporaneidade de ensino médio tecnológico que se presencia, isto é, do nicho que o estudante do ensino técnico vivencia e valora.

## 6 Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL. Lei n. 6.545 de 30 de junho de 1978. Transforma as Técnicas Federais do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, em Centros Federais de Educação Tecnológica.
- BEAUGRANDE, R.A. Introdução à Linguística de Texto. London: Longman, 1981.
- BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: pontes, 1989. Trad. Eduardo Guimarães.
- CARDOSO SANTOS, A. de L.; SILVA, E.F.F. Letramento cultural em seu eixo oficina musical: hibridismo entre conhecimento científico-midiático e a arte do Som. Anais Eletrônicos do 3 Simpósio Hipertexto: Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem. Disponível em: < <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Emanuela-Francisca-Ferreira-Silva&Andrea-de-Lourdes-Cardoso.pdf>>.
- FRANCO, Maria Aparecida C.; FRANCO, Maria Laura B. O ensino de 2o Grau: trabalho e educação em debate. Cadernos CEDES. São Paulo: Cortez, n. 20, 1988.
- KUROSE, James F.; ROSS, Keith W. Redes de computadores e a Internet. Uma abordagem top-down. São Paulo: Editora Pearson Education do Brasil, 2007.
- LEVY, P. O que é o Virtual. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MARCUSCHI, L.A. Produção Textual, análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de Construção de Sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SOARES, Magda. Letramento, um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educ. Soc: Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- TOMASELLO, M. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TORRES, Gabriel. Redes de computadores. Rio de Janeiro: Novaterra Editora e distribuidora Ltda, 2010.
- VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.